

## ENTREVISTA | LOUISE BAGNALL

ANIMADORA

*'A fantasia existe para expressar emoções'*

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Iuminada pelos holofotes da indústria animada depois de concorrer ao Oscar com o curta "Fim de Tarde" (2019), Louise Bagnall, orgulho da classe artística irlandesa na atualidade, tem levado o Festival de Annecy, na França, ao arrebatamento (e a reflexões sobre aceitação) nas sessões de seu longa-metragem de estreia: "Julián". Com projeções na maior maratona animada do mundo nesta quarta, na quinta e no sábado, seu filme parte do livro infantil "Julián É Uma Sereia", de Jessica Love (publicado aqui pela Boitatá), para debater identidade a partir de uma mirada queer.

De origem dominicana, Julián é um garoto curioso que vai passar o verão com uma avó que mal conhece. Ao chegar ao apartamento dela, no Brooklyn, descobre um universo repleto de memórias, tradições caribenhas e uma vibrante comunidade local. Em meio a essa jornada de autoconhecimento, faz uma descoberta ainda mais surpreendente: percebe que é, na verdade, uma criatura encantada das águas.

Produzida pela Cartoon Saloon, responsável por títulos como "A Canção do Oceano" e "Wolfwalkers", essa discussão sobre pertencimento é um convite para Louise concorrer a mais uma estatuetta. Ela assina a direção com Guillaume Lorin e Mark Mullery. Neste papo online com o Correio da Manhã, ela dissecou a natureza sociológica (e poética) de sua forma de animar.

**Como surgiu a preocupação de representar a cultura latina, do perímetro caribenho, a partir da herança histórica dominicana, com autenticidade?**

**Louise Bagnall** - Desde o início do projeto "Julián", queríamos evitar generalizações. Sabíamos que precisaríamos expandir o universo do livro e contar uma história mais profunda. Por isso buscamos pessoas que conhecessem essas culturas por experiência própria. O roteirista Juliany Taveras, por exemplo, é filho de dominicanos e trouxe uma compreensão muito rica da diáspora e de suas transformações ao longo do tempo.



Peter Searle/Divulgação

*"Acho que a solidão faz parte do crescimento. Você pode estar cercado de pessoas e ainda assim sentir que não pertence àquele lugar"*

**O trabalho de pesquisa foi intenso?**

Sim. Conversamos com consultores, artistas e pessoas de diferentes origens. Também tivemos uma equipe muito diversa. Eu queria ouvir essas vozes e compreender suas experiências sem fazer suposições. Era importante que quem assistisse ao filme reconhecesse algo de si na tela.

**O que você aprendeu durante esse processo?**

Aprendi a importância da escuta. Não queríamos apenas inserir detalhes culturais decorativos. Essas referências precisavam estar integradas à jornada emocional.

**O filme aborda questões de identidade, mas também trabalha com fantasia. Como você equilibrou**

**esses dois elementos que a dramaturgia animada nem sempre equaliza?**

Tudo o que acontece no universo fantástico é real para Julián. Não usamos a fantasia apenas porque ela é bonita visualmente. A fantasia existe para expressar emoções e ajudar o personagem a compreender quem ele é. O filme é sobre exploração. Não queríamos fechar questões ou apresentar rótulos. O mais importante é a experiência da busca, a travessia em nome do autoconhecimento.

**Os peixes e os elementos marinhos funcionam como símbolos. Qual era a intenção deles?**

Eles oferecem a Julián um espaço para explorar, refletir e imaginar possibilidades. O oceano representa diversidade, descoberta

e liberdade. É um ambiente onde ele pode experimentar diferentes versões de si mesmo.

**Embora o filme seja repleto de pessoas amorosas em conexão, a solidão parece ser um tema central na narrativa. O quão solitárias são as personagens de "Julián"?**

Acho que a solidão faz parte do crescimento. Você pode estar cercado de pessoas e ainda assim sentir que não pertence àquele lugar. Julián, seu pai e sua avó passam por isso de maneiras diferentes. A história acompanha justamente a construção de conexões que ajudam a superar esse sentimento. Vivemos hoje uma época muito interessante para a animação em que há uma diversidade muito maior de histórias sendo con-

tadas. Isso permite abordar temas complexos e alcançar plateias distintas sem perder a dimensão artística.

**O que as sereias simbolizam no filme?**

Elas representam várias coisas ao mesmo tempo. Há uma conexão com a feminilidade, mas também com a curiosidade, a exploração e a liberdade. Para Julián, a sereia reúne tudo aquilo que ele admira e deseja compreender sobre si mesmo.

**Quando criança, Julián sonha ser uma sereia. Qual era a sua fantasia infantil?**

Eu queria ser uma estrela do rock. Talvez porque enxergasse nisso uma forma de liberdade e confiança. Eu não era exatamente uma criança extrovertida, mas adorava imaginar que estava num palco me apresentando para uma plateia.

**Como filmes como os produzidos pela Cartoon Saloon conseguem sobreviver economicamente?**

Não existe uma fórmula. Cada projeto exige um novo processo de financiamento. As coproduções internacionais ajudam muito, assim como os mecanismos públicos de incentivo existentes na Europa. É um trabalho constante de construção de parcerias.